

A LANTERNA DE DIÓGENES

(FOLHETINS NOTURNOS: UM LIVRO POR PUBLICAR)

POR ?

I

Fisiologia do folhetinista

O folhetinista é uma planta moderna, originária da França, aclimatada hoje em todos os países civilizados: brotando ao contacto de todas as atmosferas. Trouxe-nos o bom vento do progresso essa produção curiosa do século XIX, como o vento do outono traz uma folha escapada das florestas. Estudá-la é decerto uma tarefa difícil e espinhosa. Escrever, porém, a fisiologia do folhetinista, é uma coisa tão nova, que eu decerto, animo-me a desempenhar tão terrível encargo, sem recear muito pelo resultado: a fecundidade do assunto disfarça os “senões” da pena.

O folhetim nasceu do jornal; o folhetinista do jornalista. Partindo desta consanguinidade explica-se facilmente o estilo misto de grave e frívolo, sério e risonho, severo e amável da entidade em questão: é o pai que reflexiona no espírito ardente do filho.

Inquilino inseparável do jornalista, o folhetinista orna nas lojas, as verdades caídas do andar de cima. Não conta: discute, analisa, descarna, com a grandeza de um filósofo alemão, e o espírito fútil de um *roué* do século XVII; é enfim, um mundo pensante encarnado na cabeça de uma borboleta.

O que acabo de dizer, não é, como parece, fora de propósito. O moral reflete-se no físico. O folhetinista-corpo, é o mesmo que o folhetinista-espírito. São as duas faces de Jano, duas faces idênticas.

O folhetinista veste-se à moda; traz luneta fixa no olho, e calça luvas pretas; veste-se em casa do Blachon, penteia-se na do Desmarais, e toma sorvetes no José Tomás. Como se vê de todas as entidades literárias, é o folhetinista o mais feliz, pelo

menos o mais descuidoso da vida. Sem medo de errar, pode-se dizer que o folhetim é a aristocracia da literatura; mas a aristocracia *coquette*, a aristocracia da luva, do divã e do psiché. Porém a elegância, dirá o leitor, não é a feição distintiva do folhetinista; não terá ele uma fisionomia especial?

Decerto, caro leitor, se uma casaca do Blachon, um chapéu à Pinaud, e uma luneta matematicamente ajustada ao olho, não vos podem dá-lo a conhecer, há uma coisa além de tudo que vos patenteará a verdade.

Essa *coisa* é que é o *busílis* do meu estudo.

Que será? perguntará o leitor.

Nem eu mesmo sei. Uma *coisa* inexplicável; um raio de luz, uma expressão fisionômica, um fenômeno metafísico. Não se vê, sente-se. Não descobrirei o folhetinista à primeira vista; é preciso que ele fale, gesticule, sente-se, levante-se, ria-se; porque ele em qualquer destas funções é o folhetim em pessoa; grave e risonho, severo e frívolo. A “coisa” inexplicável, que o distingue transparece então em toda a sua fisionomia. É o espírito que se patenteia nas linhas do busto, como a luz que vaza através de uma lâmpada transparente.

O folhetinista frequenta as livrarias, os saraus e as reuniões literárias. Por toda a parte é o mesmo. Querido, benquistado, adorado todos o cercam de atenções e de cuidados; é o bezerro de ouro do mundo social, como do mundo político e literário. A razão é clara. É que ele é o eterno pesadelo dos poetas, dos artistas, de toda a classe de gente. Todos querem chegar ao conhecimento do público por meio das detonações hebdomadárias deste órgão da imprensa – o folhetim.

A posição, pois, do folhetinista neste caso, é das mais vantajosas. No embalar delicioso dessa *Cápua* é que naufragam muito belas inteligências; inebriadas pelo perfume que as cerca, desvairadas pela luz em que nadam. Daqui nasce a exceção da regra; isto é, a vaidade, o orgulho, a maledicência. Ora, a exceção neste caso é o ridículo.

Debaixo deste ponto de vista, o folhetinista é uma fisionomia à parte. Os traços distintivos são aqui mais pronunciados, esta nova face do espírito manifesta-se no sombrio do olhar, e frequentemente na contração desdenhosa dos lábios. A cara é uma sátira viva e palpitante. Cada fibra é uma apóstrofe a fazer vacilar o mais intrépido.

O talento modesto e tímido recua diante dessa cabeça de Medusa erguida como um espantalho no caminho das letras. O folhetinista, neste caso, é um laboratório de fel e de maledicência com que salpica as frentes puras, arredando de si, por este modo todas as simpatias reais, todas as consciências devotadas... Este desamparo do que é bom e verdadeiro é a pedra de toque desta variedade do tipo.

O folhetinista é o colibri da literatura. Como ele dourado, como ele inquieto e travesso. Rola e mete-se por toda a parte; mas o seu lugar favorito é o baile. Aí vê-lo-eis

espanejar-se e saltar como uma andorinha em tempo de verão. Coisa singular! onde tudo é falso, e mentiroso, é que o folhetinista encontra a sua atmosfera!

Mas o doloroso no meio de tudo isto, é que o folhetinista só pode aspirar a um sufrágio contemporâneo; o horizonte da glória para ele está circunscrito no espaço da sua vida e termina na orla da sepultura. Este facto de uma realidade implacável está contido na ordem das coisas. A reputação além do túmulo não nasce dos improvisos do jornalismo, nem da indolência inebriante de uma vida oriental; a reflexão e as provações produzem-na e mantêm-na.

O folhetinista varia segundo o país em que vive. Mas só em França existe a raça genuína. Entre nós é quase um mito. Esta planta exótica, transplantada para aqui, perdeu muito da sua originalidade. Uma feição local, uma cor particular quase ninguém tem podido obter. Alguns à força de imitar, ou antes, copiar, os colegas de além-mar caíram na caricatura, e na caricatura mais irrisória do mundo.

Pois é pena! Podiam bem ocupar uma posição no mundo literário sem ferir tão cruelmente, e tão de face o senso comum.

? [MACHADO DE ASSIS]

[*Correio da Tarde*, p. 2, 22 out. 1858]

Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos